

OLIVEIRA, Giovane Fernandes. Ecos de um pensamento criador: uma resenha de “Émile Benveniste, 50 ans après les *Problèmes de linguistique générale*”. *ReVEL*, vol. 18, n. 34, 2020. [www.revel.inf.br]

## **ECOS DE UM PENSAMENTO CRIADOR: UMA RESENHA DE “ÉMILE BENVENISTE, 50 ANS APRÈS LES *PROBLÈMES DE LINGUISTIQUE GÉNÉRALE*”<sup>1</sup>**

**Giovane Fernandes Oliveira<sup>2</sup>**

gio.ufrgs@gmail.com

*É que Benveniste é não somente um linguista, não somente um antropólogo da linguagem, mas também um criador – esse criador do qual ele falava ao falar de Saussure: “Há em todo criador uma certa exigência, escondida, permanente, que o sustenta e o devora, que lhe guia os pensamentos, lhe designa a sua tarefa, estimula-o nas suas fraquezas e não lhe dá trégua quando tenta escapar-lhe”.*

Irène Fenoglio

Um criador. Com essa palavra, Irène Fenoglio diz de Émile Benveniste o que ele próprio disse de Ferdinand de Saussure. De fato, a criatividade benvenistiana é ressaltada por diferentes leitores do linguista, que não raro a associam à inventividade artística. É o caso de Antoine Culioli (1984, p. 78): “Cada artigo [dos *Problemas de linguística geral*] é como uma obra de arte”; de Gérard Dessons (2006, p. 15): “a escrita de Benveniste é uma aventura heurística, uma forma de explorar poeticamente o desconhecido da teoria”; de Tzvetan Todorov (2014, p. 251): “O erudito, inebriado pelo trabalho, tem algo de artista, de criador”.

Ecos desse pensamento criador do “linguista francês mais célebre” (p. 10)<sup>3</sup> fazem-se ouvir na obra *Émile Benveniste, 50 ans après les Problèmes de linguistique générale*, de cuja introdução foi retirada a epígrafe desta resenha. Publicado pelas *Éditions Rue d’Ulm*, em 2019, o volume organizado por Giuseppe D’Ottavi e Irène Fenoglio reúne comunicações apresentadas em 2016, por ocasião da comemoração

---

<sup>1</sup> Agradeço ao Prof. Dr. Valdir do Nascimento Flores, pela confiança em me encomendar a resenha dessa importante obra para a fortuna crítica benvenistiana e por me ter presenteado com um exemplar desse belo livro.

<sup>2</sup> Doutorando em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

<sup>3</sup> A fim de tornar a leitura mais fluida, as citações diretas presentes nesta resenha que pertencerem à obra resenhada serão acompanhadas apenas da paginação. Além disso, a tradução dos trechos citados é de minha inteira responsabilidade.

dos cinquenta anos da publicação de *Problemas de linguística geral* e dos quarenta anos da morte de Émile Benveniste. Tais comunicações, realizadas em jornada de estudos promovida pela equipe “Génétique du texte et théories linguistiques”, do Institut de textes et manuscrits modernes, na França, são assinadas por especialistas da obra benvenistiana de diferentes nacionalidades.

O livro organiza-se em duas partes: na primeira, tematiza-se a envergadura teórica do pensamento benvenistiano; na segunda, traça-se um panorama da difusão dos trabalhos do autor em outros países, como a China, o Japão e o Brasil. A obra conta também com a já referida introdução de Fenoglio, um posfácio de Pierre Norra e dois anexos, um com uma lista de entrevistas de Benveniste conservadas no Institut national de l’audiovisuel (arquivos sonoros muito raros que contêm a voz do linguista) e outro com a transcrição de uma entrevista por ele concedida a Norra.

A primeira parte da coletânea, intitulada *L’amplitude conceptuelle et théorique d’Émile Benveniste*, inclui os seis capítulos iniciais.

No primeiro, *La linguistique générale d’Émile Benveniste. Une épistémologie méthodique et continue*, Irène Fenoglio interroga a linguística geral benvenistiana numa interessante discussão, da qual destaco duas questões. A primeira concerne ao estatuto dessa linguística geral, a qual, segundo Fenoglio, designa “a relação entre as línguas e a língua, ou, em outros termos, entre as línguas e o linguístico; ela constitui a essência mesma da atividade linguística” (p. 18, itálicos da autora), promovendo uma reflexão que, a partir da diversidade das línguas (idiomas), busca compreender a natureza e o funcionamento da língua (sistema). A segunda questão refere-se à visão antropológica da linguística geral benvenistiana, por Fenoglio definida como “uma quase antropologia da linguagem” (p. 20), que, conforme a autora, consiste não apenas numa *visão antropológica da linguagem*, mas também numa *visão linguística da sociedade*. Dessa inclinação às ciências do homem, dá testemunho uma nota manuscrita inédita, pela pesquisadora trazida à público, em que Benveniste planejava: “Pensar em fazer um livro que se intitularia: A linguística nas ciências humanas” (p. 47). Essa nota, ao mesmo tempo em que reafirma a sua já conhecida abertura ao diálogo interdisciplinar, também nos faz lamentar o fato de esse linguista sem igual não ter levado a termo o projeto de um tal livro.

No segundo capítulo, *Benveniste et le concept d’induction. Les relations d’interprétance et d’intégration*, Jean Claude-Coquet argumenta que Benveniste privilegia em seus estudos não o método dedutivo – dos fatos mais abstratos, gerais e

simples aos mais concretos, particulares e complexos –, e sim o método indutivo – que percorre a direção contrária. Para defender essa tese, o autor convoca as noções benvenistianas de *relação de interpretância* e *relação de integração*, das quais, por limites de espaço, abordarei aqui apenas a primeira. De acordo com Coquet, a reflexão semiológica de Benveniste centra-se no funcionamento da língua como sistema significante interpretante de todos os outros: “um duplo funcionamento, o funcionamento ‘semiótico’ e o funcionamento ‘semântico’ da língua. O semiótico é, então, o interpretante e o semântico, o interpretado” (p. 58, aspas do autor). Essa afirmação, sem dúvida, não deixa de causar espécie, afinal Benveniste é claro ao explicar que a língua é o sistema semiológico interpretante de todos os outros sistemas e inclusive de si próprio não por ter um funcionamento semiótico, mas sim por ter um funcionamento, a um só tempo, semiótico e semântico. Isso caracteriza a sua dupla significância (a do sistema e a do discurso), ao passo que os outros sistemas têm uma significância unidimensional, ou só semiótica – como os gestos de cortesia – ou só semântica – como as expressões artísticas. Resta, pois, estranha a asserção de Coquet sobre o semiótico ser o interpretante e o semântico ser o interpretado: ambos são responsáveis pela capacidade (auto)interpretante da língua.

No terceiro capítulo, *Benveniste et les études indo-européennes*, Georges-Jean Pinault volta-se para a relação de Benveniste com os estudos indo-europeus numa reflexão em que chamam a atenção dois aspectos. O primeiro diz respeito às afinidades intelectuais de Benveniste, que Pinault lembra pertencer – junto de Bréal e, especialmente, Saussure e Meillet – a uma prestigiosa linhagem institucional, a chamada *escola linguística de Paris*, caracterizada, de um lado, pelas *dimensões sistêmica e sociológica* da língua e, de outro, pelas *dimensões teórica e geral* da linguística. Já o segundo aspecto envolve o trabalho de campo de Benveniste, considerado *antropológico* por Pinault, que menciona as pesquisas benvenistianas levadas a cabo no Irã, no Afeganistão e na América do Norte. Ainda sobre a presença do social nos estudos de Benveniste, Pinault cita estudos indo-europeus do linguista e comenta que, nesses trabalhos, “Benveniste revela uma homologia entre discurso e organização social”, focalizando “a forma dos enunciados, a ritualização do discurso” por “atores de discurso, que são ao mesmo tempo atores sociais” (p. 76).

No quarto capítulo, *Penser le nombre comme catégorie linguistique. Une recherche inédite d'Émile Benveniste*, Mariarosaria Zinzi tenta reconstituir as ideias benvenistianas – até então pouco conhecidas – sobre a questão do número, o que faz

analisando notas do linguista para um curso por ele ministrado em 1939, no Collège de France. Segundo Zinzi, ao tratar do número como categoria linguística, Benveniste parte da “definição tradicional de número gramatical”, mas “inova e, às vezes, inclusive subverte a tradição”, apoiando-se em “considerações de natureza linguística, antropológica e cognitiva” (p. 90). Numa incursão de fôlego por essa original reflexão benvenistiana, Zinzi problematiza, dentre outras, as relações linguísticas entre o singular e o plural, redimensionadas por Benveniste. Para este, o singular não seria o signo da *unidade* nem o plural, o signo da *multiplicidade*: enquanto o singular designaria uma noção de objeto individual, realizada na passagem de um nome do *abstrato* ao *concreto*, do *virtual* ao *atual*, o que o submeteria às determinações contextuais e restringiria seus limites, o plural representaria não uma multiplicação, mas uma *forma de ampliação* do conceito atualizado pelo singular e que apagaria os limites por este impostos a tal conceito.

No quinto capítulo, *Pour une théorie benvenistienne de l'écriture. Petite enquête philologico-historique*, Giuseppe D'ottavi perfaz um trajeto que parte da produção benvenistiana sobre a escrita anterior a 1969 (uma produção centrada na epigrafia e, portanto, mais histórica do que teórica), passa por um breve panorama dos estudos sobre escrita contemporâneos de Benveniste (estudos estes situados em correntes antropológicas, semiológicas ou antroposemiológicas) e finalmente chega ao que o autor denomina *primeiras respostas à últimas questões* de Benveniste. Desse percurso, sublinho dois pontos, sendo o primeiro o fato de que o interesse histórico não faz parte da teorização benvenistiana: “a posição de Benveniste com relação à escrita decorre antes da consideração da natureza *semiológica* do sistema da língua” (p. 140, itálico do autor). O segundo ponto remete à expressão *teoria benvenistiana da escrita*, presente no título do capítulo e reiterada ao longo do texto. A esse respeito, poderíamos nos perguntar: queria Benveniste formular uma teoria da escrita? Se não discordo de D'ottavi sobre ter Benveniste uma “concepção forte, inédita e suficientemente original da escrita” (p. 140), dele também não discordo quando pontua que o estudo benvenistiano sobre a escrita está “naturalmente ligado à semiologia: ele é a extensão desta ou, mais precisamente, ele é somente um caso de aplicação da aptidão particular da língua considerada como sistema semiológico *todo poderoso*” (p. 125, itálicos do autor). A partir dessa última citação, poderíamos, à pergunta anterior, acrescentar outra: o pensamento benvenistiano sobre a escrita, em

vez de uma teoria do *fenômeno escritural*, não seria um componente de uma teorização mais ampla, a saber, a sua teorização semiológica?

No sexto capítulo, *Questions d'art – terrae incognitae*, Chloé Laplantine realiza um tão sucinto quanto instigante sobrevoo sobre a inacabada reflexão benvenistiana a respeito da linguagem poética de Baudelaire, sobrevoo este do qual ressalto duas ideias. A primeira, de natureza teórica, coloca em cena a questão das unidades significantes e de seu modo de significação na *língua de Baudelaire*, cujas palavras “não são *signos*, mas *símbolos, ícones, imagens*” (p. 148, itálicos da autora), que não *descrevem* o real, e sim *evocam* correspondências no *locutor-ouvinte*. Segundo Laplantine, Benveniste flagra o estabelecimento dessas correspondências, nos poemas de Baudelaire, através de “processos de associações significantes” (p. 148) que revelam não haver, nessa poesia, *objetos, coisas* existentes em si mesmas, mas sentimentos suscitados no homem. A segunda ideia, de natureza metodológica, põe em relevo a necessária *conversão de ponto de vista* que a linguagem poética impõe ao linguista, cujo olhar analítico deve se renovar, junto às categorias de análise mobilizadas na investigação da linguagem ordinária.

A segunda parte do livro, intitulada *Benveniste aujourd'hui dans le monde*, reúne os cinco capítulos finais.

No sétimo capítulo, *Benveniste inconnu? Petite histoire d'une non-réception américaine*, Émile Fromet de Rosnay critica o silenciamento, por parte dos norte-americanos, da singular voz de Benveniste e dos “desenvolvimentos que ele legou à semiótica e à conceitualização do discurso” (p. 156). Conforme o autor, não deixa de espantar o apagamento da presença benvenistiana nos estudos anglófonos, ainda mais se se considerar o recurso destes a autores muito influenciados pelo linguista, como Barthes e Kristeva, e o prestígio em tais estudos de outros nomes franceses contemporâneos de Benveniste, como Foucault, Derrida e Deleuze. Um ponto talvez nebuloso da argumentação de Rosnay reside na seguinte passagem: “Essa lacuna é surpreendente, uma vez que é Benveniste quem modificou a distinção saussuriana entre língua e fala e aquela entre semiótico e semântico” (p. 158). Ora, se lembrarmos que, no texto *A forma e o sentido na linguagem*, Benveniste (1966/2006, p. 229) busca instaurar “na língua uma divisão fundamental, em tudo diferente daquela que Saussure tentou instaurar entre língua e fala”, é difícil não estranharmos a citação anterior de Rosnay. Afinal, a distinção saussuriana *língua/fala* e a distinção benvenistiana *semiótico/semântico* não se recobrem teoricamente: enquanto a

primeira é uma cisão que Saussure opera no âmago da linguagem, a segunda é um corte que Benveniste realiza no interior mesmo da língua. Logo, Benveniste não parece ter modificado as distinções *língua/fala* e *semiótico/semântico*, como quer Rosnay, mas sim proposto originalmente o último par, que não existia antes dele e que não se reduz a um avatar benvenistiano do par saussuriano.

No oitavo capítulo, *Émile Benveniste et le Cercle linguistique de Praga*, Tomáš Koblížek e Eva Krásová investigam as relações entre Benveniste e o Círculo Linguístico de Praga (CLP), mais precisamente as relações entre o linguista sírio-francês e dois membros do CLP. O primeiro é Vladimír Skalička, cuja noção de *frase*, conforme Koblížek e Krásová, difere da de Benveniste, pois, enquanto este postula um *hiato* entre língua e discurso e a impossibilidade de transição direta de um domínio a outro, concebendo a frase como unidade discursiva exterior ao sistema linguístico, aquele a concebe como unidade intermediária entre a palavra e o discurso, sendo todos – palavra, frase e discurso – níveis de um mesmo e único domínio (a língua), níveis estes distintos entre si por um maior ou menor grau de restrição e liberdade no uso do sistema. O segundo membro do CLP cujo pensamento é comparado ao benvenistiano é Jan Mukařovský, cuja visão sobre a relação língua-discurso também se distingue da visão de Benveniste: segundo Koblížek e Krásová, enquanto para Benveniste a língua guarda em si a potencialidade de todas as formas e de todos os sentidos passíveis de atualização no discurso, de modo que a utilização do sistema linguístico define-se em termos de *apropriação* ou *particularização* do *geral* da língua, em Mukařovský, tal utilização define-se em termos de *transgressão*, pois a língua é por este concebida como *norma* cujas aplicações concretas na fala implicam modificações constantes no sistema normativo.

No nono capítulo, *De la réception à l'actualité d'Émile Benveniste au Brésil. Aspects anthropologiques d'une théorie de l'énonciation*, Valdir do Nascimento Flores organiza sua exposição em duas partes. A primeira, mais cronológica, lança um olhar retrospectivo para a leitura das ideias de Benveniste pela linguística brasileira, em que Flores sinaliza duas recepções benvenistianas no país: uma *primeira recepção* (entre os anos 1970 e 1990), marcada por uma leitura *parcial, dispersa e fragmentada*, carente de uma visão de conjunto da obra do linguista; e uma *segunda recepção* (a partir de fins dos anos 1990 e início dos anos 2000), em que Benveniste “deixou de ser citado de segunda mão e tornou-se o centro do interesse” (p. 202), interesse este que ultrapassa a sua teoria da enunciação para

contemplar a sua teoria da linguagem, a qual subsume a teoria enunciativa sem a ela se reduzir. A segunda parte do capítulo, mais teórica, projeta uma visada prospectiva sobre as ideias de Benveniste em contexto brasileiro, na qual Flores faz coro a outros intérpretes do pensamento benvenistiano e acentua o caráter antropológico deste, defendendo a possibilidade de se vislumbrar o antropológico em Benveniste a partir de dois axiomas, um geral (*o homem na linguagem*) e um específico (*o homem na língua*), sendo a passagem de um a outro operacionalizada por Benveniste, em seus estudos, por meio da noção de *significância*. Para Flores, Benveniste nos mostra que *o homem na linguagem* se apresenta *na língua* através da *significância* das formas linguísticas, dentre as quais as categorias de pessoa, não pessoa e tempo, os estudos de léxico e cultura, a semiologia da língua, a escrita e as estruturas complexas.

No décimo capítulo, *La réception japonaise de « De la subjectivité dans le langage » d'Émile Benveniste*, Aya Ono tematiza os efeitos da leitura do célebre texto benvenistiano *Da subjetividade na linguagem* tanto em outros pesquisadores japoneses quanto nela própria. No que concerne mais especificamente a sua relação com a *problemática da subjetividade linguageira*, que a ocupa desde o início de suas leituras de Benveniste, a autora questiona-se sobre o estatuto do sujeito benvenistiano: “Trata-se de um sujeito ontológico, gramatical, lógico ou psicológico? Ou então um aglomerado de tudo isso?” (p. 232). Tal questionamento, se por si só novidade alguma acrescenta aos estudos em torno de Benveniste – cujos exegetas não raro se digladiam com a noção benvenistianiana de *sujeito* –, é acompanhado de boas-novas com que nos brinda Ono: de um lado, outra nota manuscrita inédita do linguista, em que este reflete sobre a noção de *autor*; de outro, citações – por ele recolhidas em revistas de filosofia – sobre questões como a possessão, a existência e a consciência. A autora descreve esses documentos como preciosos “àqueles que se interessam pela gênese da problemática do ‘sujeito falante’ no pensamento benvenistiano” (p. 228) e conclui seu texto de forma provocante: “Misturadas com notas sobre questões puramente linguísticas, essas citações filosóficas não nos convidam, nós, os leitores desse grande linguista, a apreender de maneira mais fina a articulação entre suas análises linguísticas e suas concepções filosóficas?” (p. 232).

No último capítulo do volume, *La réception d'Émile Benveniste en Chine*, Zhaohua Gong distingue três períodos da recepção chinesa das ideias benvenistianas. Segundo o autor, o primeiro período se estende de 1954 a 1965 e não apresenta senão poucas menções a Benveniste em trabalhos chineses, todas limitadas a estudos mais

técnicos seus, como os voltados ao indo-europeu. Já o segundo período – que, conforme Gong, é mais extenso, tendo durado de 1978 a 2007 – caracteriza-se pelo retorno à China de pesquisadores formados no Ocidente e dispostos a divulgar no país pensadores ocidentais, como Benveniste, cujos textos sobre linguística geral começam a ser traduzidos durante esse período, embora ainda restem pouco conhecidos da intelectualidade chinesa e restritos aos artigos em que ele comenta a linguística de Saussure. Por fim, o terceiro período, de acordo com Gong, inicia-se em 2008 e prolonga-se até os dias de hoje, tendo como marco inaugural a tradução dos PLG I, a partir da qual aumenta não só o número de artigos que referem Benveniste como também o interesse por sua linguística propriamente dita, com ênfase em questões como a relação língua-sociedade, a distinção *semiótico/semântico* e mesmo as recentemente conhecidas reflexões sobre a escrita e a linguagem poética.

Tributo ao cinquentário dos PLG I e ao quarentenário da partida de seu notável autor, este *Émile Benveniste, 50 ans après les Problèmes de linguistique générale* é um formidável acréscimo à fortuna crítica que, há já meio século, vem se consolidando a partir da robusta e cada vez mais surpreendente (como atestam os novos manuscritos divulgados nesse volume) herança teórica benvenistiana. A despeito de suas distintas e singulares abordagens – ricas em informações e interpretações tanto retrospectivas quanto prospectivas das ideias linguísticas de Benveniste –, a todas e cada uma das contribuições que integram a coletânea parecem ser transversais três fundamentos que, inter-relacionados, pulsam no coração mesmo da teoria da linguagem benvenistiana: a) o *primado da subjetividade*; b) o *primado da sociedade*; c) o *primado da significação*.

Esses três princípios, conforme ilustram de diferentes formas os textos que compõem a obra organizada por M. D’ottavi e Mme. Fenoglio, fundam uma teorização ímpar na linguística mundial. Teorização esta cuja beleza e cuja potência se dão a ver em diferentes manifestações do homem na linguagem e nas línguas, *nas e pelas* quais ele se constitui como o ser subjetivo, social e simbólico que é. Trata-se, pois, de uma leitura incontornável a todos aqueles interessados em aprofundar seus conhecimentos acerca do legado intelectual de Émile Benveniste.

Claudine Normand, no primoroso prefácio de seu *Saussure*, assim se refere ao *Curso de linguística geral*: “mais que um texto póstumo, deveríamos falar de ‘discursos póstumos’, eco refratado em vários cadernos de notas de uma voz que, ao que parece, fascinava auditórios” (NORMAND, 2009, p. 20, aspas da autora). Se a

voz do mestre sírio-francês – comedida que era, como a descrevem aqueles que a honra e o privilégio tiveram de lhe emprestar a escuta – não fascinava auditórios como a do mestre suíço, certamente fascina aqueles que, na atualidade, com ela entram em contato através do que dela *restou*: escritos em vida publicados, textos postumamente estabelecidos, notas manuscritas de quando em quando tornadas públicas e mesmo transcrições de raros registros fônicos que preservam essa voz única nos estudos da linguagem, a exemplo dos transcritos no livro aqui resenhado. Tal voz ressoa em trabalhos como aqueles que constituem esse volume, neles ecoando com a força criadora de um pensamento que segue mais vivo do que jamais foi, inspirando novas e renovadas criações.

## REFERÊNCIAS

- BENVENISTE, É. (1966). A forma e o sentido na linguagem. In: BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral II*. 2.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006, p. 220-242.
- BENVENISTE, É. Semiologia da língua (1969). In: BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral II*. 2.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006, p. 43-67.
- DESSONS, Gérard. *Émile Benveniste, l'invention du discours*. Paris: Éditions in Press, 2006.
- CULIOLI, A. Théorie du langage et théorie des langues. In: SERBAT, G. et alli (org.). *Émile Benveniste aujourd'hui I*. Louvain: Peeters, 1984.
- NORMAND, C. *Saussure*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.
- TODOROV, T. Émile Benveniste, o destino de um erudito. In: BENVENISTE, Émile. *Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)*. 1.ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014, p. 243-262.

D'OTTAVI, G.; FENOGLIO, I. *Émile Benveniste, 50 ans après les Problèmes de linguistique générale*. Paris: Éditions Rue d'Ulm, 2019.